



PARA EXERCITAR O CÉREBRO

Leandro Dóro / Especial



Mais de 100 pessoas participaram da primeira Oficina Cerebral; atividade ocorrerá todas as terças-feiras, 16h

Todas as terças-feiras, de março a maio, às 16h, no Salão Multicultural da Ecossede, será oferecida a Oficina Cerebral. A atividade é uma parceria entre o Sintrajufe/RS e o Viva Club, um espaço que visa promover atividades físicas, sociais e culturais para pessoas a partir de 50 anos.

A primeira Oficina Cerebral ocorreu dia 12/3 e contou com mais de 100 pessoas. Quem comanda a atividade é a psicóloga e gerontóloga

Maria Clarice Moreira. Nessas palestras interativas, são debatidos concentração, memória e atenção relacionados, por exemplo, com criatividade e depressão. Além disso, são feitos exercícios para melhorar esses aspectos.

Os encontros são abertos à comunidade. Para participar, é preciso fazer inscrição pelo telefone (51)3907-7444. O valor por encontro é de R\$ 5,00 para sindicalizados e R\$ 10,00 para o público em geral.

Ana Paula Faria / Especial

No Dia Internacional da Mulher, 8/3, o Sintrajufe/RS promoveu uma Sexta Básica muito especial. O Salão Multicultural ficou cheio, com pessoas que queriam homenagear, confraternizar, se divertir. A atração musical foi a cantora e compositora Ilse Lampert, que mostrou um repertório de sambas e canções da MPB. A diretora Bárbara Kern fez uso da palavra para homenagear a funcionária do sindicato Dani Cristina Boldrini, que faleceu no dia 26/2.



COMUN



Por Willians Barros, jornalista

Não é de hoje que os movimentos sociais são tratados como caso de polícia, principalmente pelas grandes corporações de comunicação. A direita brasileira demoniza os movimentos sociais. Acusa-os de violentos, baderneiros, foras da lei. Pretende com isso assustar a sociedade, mirando os setores da classe média, e ganhar o seu apoio. É uma verdadeira cruzada dos oligopólios midiáticos, apresentando os movimentos sociais – sindicatos de trabalhadores incluídos – como espécies de braços da Al Qaeda em território brasileiro.

Nos últimos 10 anos, particularmente, a imprensa corporativa fez campanha permanente para desqualificar os movimentos sociais. Ela simplesmente escondeu

as principais mobilizações populares do período e as conquistas obtidas, no afã de carimbar as entidades civis como omissas, cooptadas.

A julgar por TVs, rádios, revistas e jornais, com raríssimas exceções, é como se não tivessem existido várias marchas da classe trabalhadora por emprego e salário, cada uma delas levando a Brasília 40 mil, 50 mil participantes; ou os Gritos da Terra, realizados anualmente em todo o país; ou as caravanas da agricultura familiar e da reforma agrária; ou as jornadas de luta estudantil em defesa da escola pública; e os dias da Consciência Negra, entre tantos exemplos que poderíamos citar (Quer dois casos recentes? No último 8/3, Dia Internacional da Mulher, militantes feministas realizaram uma grande Marcha, que arrastou

mais de 3 mil pessoas pelas ruas centrais de Porto Alegre. Não mereceu uma única linha no principal tabloide da capital. E, em julho de 2012, numa das maiores marchas de funcionários públicos federais já vistas em Brasília, os manifestantes, que lutavam contra a política de reajuste zero do governo Dilma, foram tachados pela “grande imprensa” de sanguessugas.)

O que os barões da mídia e seus sequazes não percebem é que, hoje, os movimentos sociais já não lutam apenas para impedir a supressão de direitos, e sim para ampliá-los e universalizá-los. Mobilizam-se para aproveitar os espaços de democracia participativa e alargá-los ainda mais. Querem intensificar o atual ciclo de crescimento econômico, distribuindo melhor os seus frutos.

COMUNICAÇÃO

MARCO REGULATÓRIO É FUNDAMENTAL

Esperar que os oligopólios se tornem “bonzinhos” e passem a praticar um outro tipo de comunicação é, no mínimo, perda de tempo. O professor Lalo Leal, doutor em Ciência da Comunicação, pela USP, e um dos mais ativos militantes na luta pela democratização dos meios de comunicação no país, é absolutamente cético nessa questão. “Não há como democratizar essa mídia que aí está”, sentencia. “Seus proprietários exercem um direito que para eles é divino, o da hereditariedade, como na realeza. As empresas passam de pai para filho. Não há outra saída que não a da construção de meios alternativos, não

só pelos movimentos sindicais e populares, mas também impulsionados por governos populares, como vem ocorrendo na Venezuela e na Bolívia, por exemplo.

experiência?”, sugere.

O fato é que a ausência de um marco regulatório das comunicações beneficia as poucas empresas que hoje se favorecem

no exercício do direito à comunicação e da liberdade de expressão pelos cidadãos. Para mudar isso, caberia ao Estado adotar medidas de regulação democrática sobre a estrutura do sistema de comunicações, a propriedade dos meios e os conteúdos veiculados.

O anteprojeto da Lei de Meios, elaborado por Franklin Martins, ex-ministro das Comunicações do governo Lula, jogaria luz sobre a questão, mas se encontra no fundo da gaveta do atual ministro da pasta, Paulo Bernardo, com a concordância silenciosa da presidente Dilma Rousseff, a quem falta coragem de incluir o tema na agenda nacional.



Aqui nós já tivemos o diário Última Hora, iniciativa do segundo governo Vargas, implementada pelo Samuel Wainer. Por que não retomar essa

da grave concentração no setor. Esses grupos impedem a circulação de ideias e pontos de vista com os quais não concordam e vedam o ple-

MEDIDAS SIMPLES PODERIAM MELHORAR O QUADRO ATUAL

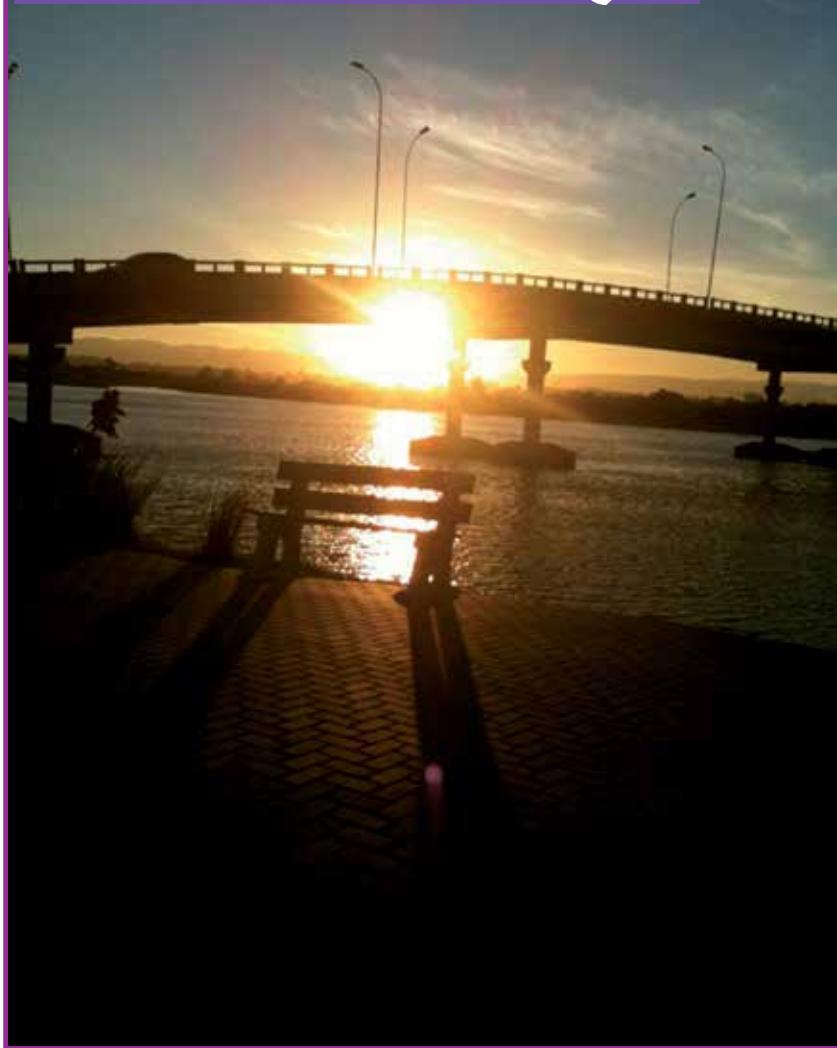
Algumas medidas já poderiam ter sido implementadas sem causar chiquetes nos defensores do *status quo*. A mais singela seria fortalecer as emissoras públicas federais de rádio e TV, fazendo com que seus sinais cheguem com força e nitidez a todos os domicílios, abrindo espaço para a liberdade de expressão dos movimentos sindicais e populares. À imprensa cumpriria mediar o fato jornalístico ao leitor, não necessa-

riamente de forma imparcial (a neutralidade é uma postura ideológica impossível), mas atendendo aos princípios da cidadania, da dignidade da pessoa humana e do pluralismo político. Ao povo, duplamente vitimado, tanto pela visão paleojurídica do sistema penal quanto pela atuação oligopolista e corporativa da grande mídia, cabe elaborar um raciocínio crítico acerca da realidade de seu país. Simples assim.

DÊ SUA OPINIÃO

Sua opinião pode ser publicada no *T-Liga+*. Escreva sobre democratização da comunicação, comente, contribua com outras informações sobre o tema. Envie para imprensa@sintrajufe.org.br, com 350 caracteres.

IMAGEM EM DESTAQUE



O colega César Luiz Carraro, da Vara do Trabalho de Torres, envia este registro das margens do rio Mampituba, na cidade de Torres, divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina. "Uma autêntica 'pintura da natureza – tarde de domingo – outono'".

Este espaço é da categoria. Mande suas fotos e divida com os colegas lembranças de viagens, lazer ou imagens inesperadas que você tenha captado.

Basta enviar o material para o e-mail imprensa@sintrajufe.org.br.

CORAÇÃO VALENTE

Agente de segurança na JT de Gramado, o colega Assis Amador dos Reis Portela é, antes de tudo, um forte. Aos 55 anos, depois de passar por uma cirurgia de revascularização miocárdica, vale dizer, duas pontes de safena e uma mamária, Assis passou a frequentar os pódios das competições de atletismo de que participa.

Especialista em provas de fundo, Assis não recusa correr em qualquer modalidade. "Vou dos 100 metros à maratona", diz ele, que já chegou entre os 50 primeiros na

tradicional Corrida de São Silvestre, em São Paulo. Com 30 anos de atletismo, Assis orgulha-se de ter participado por cinco vezes das Olimpíadas Nacionais da Justiça do Trabalho e dos jogos regionais da JT. Seu troféu favorito é o da Rústica que venceu em Frederico Westphalen, onde viveu por 17 anos. Em 2003, quase morreu por causa do coração. Três anos após as safenas, voltou às pistas e passou a colecionar medalhas. Já possui tantas, a propósito, que, não demora muito, vai precisar de um peito extra para ostentá-las.

